O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomaz Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$300; semestre 650. Colonias portuguezas, salvo quando os assignantes mandem pagar directamente, 1$600. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 11 DE SETEMBRO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 réis a linha. Primeira pagina 1$000 réis. Ultima pagina — pagina d'annuncios — 40 réis a linha. Em qualquer pagina a linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

N.º 1:377

Reaccionarios ou liberaes, mas dignos!

E' discutido o rei D. Manuel e é natural que o seja. O rei é uma força, uma grande força, mesmo entre os povos mais cultos, mais livres, mais civilisados. Bem liberal, bem constitucional é a Inglaterra, e viu-se ainda ha pouco o papel importantissimo que n'ella desempenhou Eduardo VII.

Eduardo VII tinha aquella influencia, exercia aquella acção preponderante, porque se limitava a assignar os decretos que os seus ministros lhe apresentavam? Não. Era porque discutia com elles os negocios do Estado. Era porque tinha opiniões, projectos, orientação, plano, pontos de vista sobre a politica interna e sobre a politica externa. Não se impunha, mas fazia-se sentir. Não era uma simples figura d'ornamento. Era, em toda a extensão da palavra, um chefe do Estado.

Não é egual á constituição da Inglaterra a constituição da Allemanha. Não deixa, por isso, de ser tambem um povo livre, dos mais progressivos, dos mais civilisados, dos mais cultos, o povo allemão. E é um verbo d'encher o seu imperador? E o povo allemão exige ao seu imperador que se torne um elemento inconsciente nas mãos do chanceller?

Não. O imperador tem opiniões. O imperador tem vontade. O imperador tem acção. E como tal o discute o povo, como na Inglaterra, concordando ou discordando, applaudindo-o ou censurando-o.

Se isto é assim na Inglaterra e na Allemanha, muito mais o ha de ser em Portugal. Isto é, muito mais precisa se torna aqui a acção do rei.

Não se admitte, não se póde admittir, que n'um paiz atrazadissimo como o nosso, n'um paiz onde os partidos se regem por principios e moral de verdadeiras quadrilhas, onde impera o egoismo, a ambição desordenada, a mais feroz ladroeira, o rei se torne um instrumento passivo da infamia e do crime. Isso é que é governo pessoal! Isso é que é governo d'oligarchia! Isso é que é calcar a lei, fazer arbitrio!

Pois então porque um homem é rei constitucional assigna tudo quanto lhe apresentam os ministros? E se é uma immoralidade? E se é uma illegalidade? E se é um crime? Não é elle o poder moderador? Não é elle a chave de todos os poderes? Não é elle o elemento de correcção e de fiscalisação? Para que fiscalisa, para que preside, para que tem a chave de todos os poderes, para que lhe deram o recurso da confiança ou da desconfiança, senão para corrigir?

A confiança tem graus. A confiança não é absoluta, porque, nas relações da vida, não ha nada absoluto. O rei pode ter confiança no ministerio ou não querer derribar o ministerio sem deixar, comtudo, de lhe fazer observações e de discordar em certos pontos d'administração ou de politica. D'outra forma é um trambolho, uma excrescencia, um traste inutil.

Deixemo-nos de ficções e de sophismas. Deixemo-nos de dogmas, que já não vae o tempo para isso. A irresponsabilidade do rei é tambem relativa. Muito relativa. Em absoluto não pode existir. Não existe.

O rei foi sempre discutido em Portugal e em todo o mundo. E' natural que o seja tanto mais quanto maior fôr a crise que a nação atravessar.

Falta só averiguar se, no momento presente, é justa ou injustamente discutido. Ora ha um ponto em que, contra o rei D. Manuel, está d'accordo a razão universal e outro em que está d'accordo a humana consciencia. E isso é gravissimo.

Que o rei siga a politica *liberal* ou a politica *reaccionaria*, que se incline para regeneradores, progressistas, nacionalistas ou franquistas, é uma questão de processo, d'expediente, de detalhe, que pode ter capital importancia para a sorte da monarchia, mas, entretanto, á face da sciencia politica, da moral, da philosophia, um caso secundario. Quer dizer, é uma questão discutivel. Que só o exito reprova, ou que só o exito consagra. Sob esse ponto de vista não se podem fazer affirmações absolutas. Tudo são supposições. Tudo são calculos. Que dependem da intelligencia. Mas que não dependem da moral.

Porem, ou o rei siga a politica *liberal* ou a politica *reaccionaria*, ou o rei se incline para regeneradores, progressistas, nacionalistas ou franquistas, uma coisa ha que a justiça, que a moral, que o decôro, que a razão universal lhe não permitte: que deixe affrontar, enxovalhar, cuspir a dignidade do poder. Que deixe arrastar pela lama das ruas o principio da auctoridade. Que deixe subsistir a desordem, reinar a anarchia, imperar o desafôro e o arbitrio.

Ou o rei siga a politica *liberal* ou a politica *reaccionaria*, ou o rei se incline para regeneradores, progressistas, nacionalistas ou franquistas, uma coisa ha que a justiça, a moral, o decôro, a consciencia humana lhe não permitte: que se encolha, que se curve, que se retraia, que poupe, que transija, que faça causa commum com aquelles que armaram o braço dos que no Terreiro do Paço arrancaram a vida a seu pae e a seu irmão.

A consciencia humana, por mais pervertida que ella esteja, vae mais longe: nem lhe permitte que sacrifique os seus amigos aos seus inimigos. Os que estiveram sempre ao lado da corôa áquelles que nunca fizeram outra vida senão especular contra a corôa.

Um dos quadrilheiros republicanos menos briosos d'esta terra, embora entre os pulhas seja *pulha de bem*, escrevia esta semana n'um jornal da quadrilha:

Agora é certo — o sr. João Arroyo vae substituir, em Paris, o sr. Thomaz Rosa, que virá substituir o sr. Tovar em Madrid. Se ao outro mundo chegam noticias do que por cá se passa, muita pena deve sentir o Navarro de ter morrido antes de ser rei o sr. D. Manuel.

Tambem elle seria embaixador, que para o ser não necessitava de pedir ao sr. Arroyo talento ou competencia.

Grande rei, o filho de D. Carlos!

Como vê, rei de Portugal, a sua conducta chega a offender as consciencias pervertidas. Chega a arrancar gritos de indignação e de protesto até áquelles a quem um facciosismo negro turva a luz da razão e embota a sensibilidade do coração.

Grande rei, o filho de D. Carlos!

Attenda Vossa Majestade n'essa meia duzia de palavras, que n'ellas vae, pela bocca d'um quadrilheiro republicano, a expressão de toda a indignação e de todo o desprezo que o rei de Portugal está inspirando aos seus proprios adversarios.

Na bocca de Brito Camacho, como de todos os membros da grande quadrilha, D. Carlos foi um bandido, um malandro. Comtudo, ainda tinha tamanhas qualidades de homem ao pé do filho, que elles não podem deixar de o recordar, ao comparar pae e filho, para exclamarem:

Grande rei, o filho de D. Carlos!

N'essa meia duzia de palavras não se fulmina só o *filho*. Fulmina-se o filho e fulmina-se o rei.

Fosse quem fosse D. Carlos, toda a gente sentia um homem deante de si. Agora sente-se o Cricas, sentem-se as Cricas, sente-se a carabina do Buissa, tudo, menos um homem, menos um rei.

Agora vê-se um menino n'um berço e ouve-se a mamã a gritar: *O' papão, foge de cima d'esse telhado, deixa dormir o menino um somninho descançado!*

Isto na crise mais grave que tem atravessado uma nacionalidade. Ah... suprema desgraça!

Liberdade, dizia Oliveira Martins e muito bem — veja-se adeante a transcripção do *Portugal Contemporaneo* — ha sufficiente, demais até. O que é preciso... é *reformar n'um sentido pratico os sophismas que, sob o nome de* **liberdades**, *corrompem até á medulla o corpo d'esta sociedade.*

Pois um brutamontes, que se diz *homem d'estado*, pois uns bachareloides que falam a toda a hora em *criterio scientifico*, sem terem senso commum, quanto mais criterio scientifico, em vez de reformarem esses sophismas *que corrompem até á medulla o corpo d'esta sociedade*, mais os profundam, mais os aggravam com a cantata eterna e já ridicula da *libardade*. E a cricalhada toda, *que ha poucos annos ainda pedia o restabelecimento dos conventos*, deita-se-lhe aos pés, submissa, abjectamente submissa, não vá o papão... accordar!

Urge moralisar, dizia ainda Oliveira Martins, *uma politica desvairada; levantar uma auctoridade abatida; restaurar as forças economicas d'uma nação adormecida e o vigor moral d'um povo atormentado.* E a cricalhada toda, n'um periodo incomparavelmente mais grave que aquelle em que escrevia e vivia o auctor do *Portugal Contemporaneo*, *levanta a auctoridade abatida* pondo-a ás ordens... do Affonso Costa e do Margarido!

Isto é que se não pode perdoar ao rei de Portugal.

Não se trata aqui de politica *reaccionaria* nem de politica *liberal*, de politica regeneradora nem de politica progressista. Trata-se aqui de flagrantes attentados á razão e á consciencia universal.

Se é melhor, se é peor a politica de concessões, de concessões de principios é claro, se é melhor, se é peor a politica *liberal* ou a politica *reaccionaria*, se a politica regeneradora ou a politica progressista, é um caso á parte. O que não é melhor nem peor, porque não admitte discussão nenhuma, é que o rei consinta que o ministerio sacrifique a propria dignidade pessoal do chefe do Estado, a dignidade das suas funcções e a dignidade da nação, a um supposto e miseravel interesse de momento. E' que o rei, a titulo de conservar o throno por mais uns dias ou umas horas, deixe que o governo curve a lei, a auctoridade, a cerviz ao mando de um bando de arruaceiros e de assassinos, d'uma horda sem pudor, d'uma escoria social a mais degradante e a mais vil.

Se o rei não sabe ser rei d'outra maneira, nós temos não só o direito mas o dever de clamar bem alto: *não queremos tal rei. Preferimos não ter rei algum a ter um rei assim.*

Não confundamos. O que á face dos principios se discute, o que em nome da razão e da consciencia se debate, é só isso.

Nós temos liberdades demais. E muito peor que as liberdades temos, como muito bem dizia Oliveira Martins, os sophismas que, sob o nome de liberdades, corrompem até á medulla o corpo d'esta sociedade. Admiravel verdade! Mas se o rei quer dar mais liberdades, dê-as. O que nós não lhe consentimos, nós, o paiz coherente, atilado e honrado, é que as dê a zarguncha das de pus e a esguichadelas de lodo putrido do Affonso Costa e Margarido. E' que as dê sob a pressão do espectro da carabina do Buissa.

O que nós não lhe consentimos, não lhe podemos consentir, não lhe devemos e não lhe havemos de consentir, dê por onde der, é que deixe perseguir os homens honestos para ficarem folgados e fartos os bandidos. E' que tolere que se ponha uma pedra em cima do regicidio para que o Ribeira Brava se sente ámanhã n'uma cadeira de deputado e além n'uma cadeira de ministro. E' que um *souteneur*, um pulha, um alugado de meretrizes, e cumulativamente uma besta, borra na intelligencia e pus na consciencia, atire lama ás mãos ambas para cima dos agentes da justiça e clame: «E agora não só quero a impunidade d'este crime, como amnistia plena para os crimes anteriormente commettidos.»

Não, rei de Portugal. Isso é que nós não consentimos.

O seu presidente do conselho põe o dedo no nariz e uma rolha na bocca ao juiz d'instrucção criminal? Ao juiz do 1.º districto? Ao delegado Correia Leal? E depois corre, pressuroso, a eleger deputados os suppostos assassinos de seu pae e a amnistiar os que, além de cumplices certos no crime do regicidio, além de cumplices certos no crime de Cascaes, além d'auctores de mil infamias, ainda cospem injurias sobre injurias na justiça?

Não, rei de Portugal, isso é que nós não consentimos. Isso não é já uma questão de processos, isso não é já politica *reaccionaria* nem politica *liberal*, regeneradora, progressista, nacionalista ou franquista. Isso é um attentado á consciencia, á razão, ao pudor e á dignidade de nós todos.

E Vossa Majestade, que é por emquanto um homem individualmente honesto e um homem intelligente, se meditar um pouco ha de ser o primeiro, no seu foro intimo, a admitti-lo e a reconhece-lo.

Revolte-se, emancipe-se da influencia indigna e imbecil da cricalhada, ou está perdido.

O melhor é mandar fazer continencia ao Margarido e ao Affonso Costa.

O orgão official da prostituição nacional deu agora em embirrar com varios officiaes da guarnição de Lisboa. São os de caçadores 5, que applicam rigorosos castigos disciplinares aos soldados, ao soldadinho da *choça*, que é quem se vae queixar, é o capitão da 5.a companhia da Guarda Municipal, que bate nas praças, e... etc. Ora isto é grave, muito grave. A imprensa mettida nas questões de vida interna dos quarteis, e por aquella fórma, é o mais terrivel elemento de indisciplina e de desmoralisação.

Como pôr termo a isso? Medidas energicas... nem pensar n'ellas. A cricalhada não quer, nem o nosso brutamontes d'Alijó.

Ha só um meio: dar, desde já, honras militares á illustre makavenkada.

Assim como assim, em vindo a republica o Affonso Costa é elevado a general, como no Brazil. Não sem primeiro ser elevado, é claro, o Borracho a feld-marechal. Unica maneira do Affonso Costa poder ser general. O Margarido vae a coronel. O Grandella a brigadeiro. E até o nosso Magalhães Bastos, o tal que entrou em Barcelona, segundo o Camacho, com o focinho para deante, ao contrario do Bertholdo, que entrava... de costas voltadas, e que de lá telegraphou ao Borracho a participar o grande facto, e até o nosso amigo Magalhães Bastos, o erudito Magalhães Bastos, chega a major. Ora n'esse caso, e dada a fraternidade entre governo, cricalhada e a makavenkada, o melhor é antecipar um pouco as coisas. O Papa-feijão decreta, a favor dos cabecilhas republicanos, *honras militares*, desde já. E os homens, passando a *ser da familia*, não tornam, nas gazetas, lisongeados, a dizer nada.

Eu não vejo outra maneira de vencer, por agora, a *nova manobra*... revolucionaria.

Fiat voluntas tua... cricalhada!

Dizem gazetas varias que o nosso rei *in partibus* — já se sabe que se trata do nosso amigo Cricas — de companhia com certos *damos* e certas damas, emfim, a cricalhada toda, põe os maiores esforços na conservação do ministerio.

Ora eis ahi porque o popular José Augusto, o grande compadre, anda com Sua Majestade na barriguinha. Perdão, na barrigona!

Eis ahi! Eis ahi!

O Cricas não está cá, como se sabe. Mas deu homem por si, o sr. marquez de Soveral, ao que se diz. O *alter ego* palaciano!

Ora esta gente é talvez bem intencionada. Mas, n'esse caso, é parva!

Logo que Teixeira de Sousa subiu ao poder, eu ouvi a pessoa que estava no segredo dos deuses que o transmontano se gabava de que teria escangalhado o partido republicano ao fim de dois annos.

Eis o *truc!* Eis o talisman!

O Teixeira garantiu aquillo ao Cricas, o Cricas garantiu aquillo a Sua Majestade a rainha D. Amelia e foi quanto bastou para que se armasse todo aquelle famoso entremez de que resultou a queda do ministerio. E é quanto basta, se o Bloco não põe as barbas do Buissa, para que a albarda teixeirista nos sobrecarregue estes dois annos.

Muita raiva devem ter do outro mundo o Buissa e o Costa áquelles que os mataram! Porque se não fossem esses brutos, não só os dois ficavam impunes como ainda chegavam a ter cama e mesa, roupa lavada e engommada, e bolsa recheada, fóra o resto, no Paço das Necessidades. Para que, depois de terem morto o pae e o irmão, não matassem a presente majestade!

Quem vae, vae; quem fica, fica. E o peor mal, já se sabe, é de quem vae.

A morte de D. Carlos e de D. Luiz Filippe é uma coisa *absolutamente liquidada*. E vê-se que os primeiros que assim o consideram são, precisamente, a rainha D. Amelia e o actual rei de Portugal. Eu tive algumas duvidas a esse respeito até subir ao poder o ministerio actual. Impressionou-me muito mal a conducta de toda a familia real em cima da tragedia do Terreiro do Fnço. Como sempre disse, eu iria procurar vingança ao inferno, quando não fosse por sentimento por honra propria, se, depois da tragedia, estivesse nos casos da rainha ou do rei D. Manuel. Ao inferno! Ainda que o throno se escavacasse. Quanto mais sendo certo que era, simultaneamente, a unica maneira de o consolidar.

Impressionou-me aquillo muito mal. Mas, emfim, podia ser pavor de momento, ou inepcia. Mas quando vi cahir o ministerio, no periodo agudo das averiguações sobre o regicidio, disse logo de mim para mim, parodiando o dito de D. Carlos... *olha os gajos!*

Conta-se que D. Carlos, indo uma vez á Allemanha, fôra recebido pelo imperador Guilherme com os effeitos espectaculosos que são proprios d'esta majestade. O imperador ostentava uma das suas fardas mais rutilantes e um dos seus capacetes de maior resplendor, sobre o qual incidia, para maior effeito scenico, um grande jorro de luz electrica. D. Carlos chegou, olhou, e disse em portuguez, para os pandegos da corte que o acompanhavam: *Olha o gajo!...*

Ora eu, lembrando-me do pobre do D. Carlos, repeti, quando vi subir o actual ministerio no periodo agudo das averiguações sobre o regicidio, e estou certo que o repetiu commigo, do outro mundo, o proprio D. Carlos... *olha os gajos!...*

Então convenci-me de que esta gente, a começar na rainha, a começar no rei, não quer, de fórma alguma, descobrir os assassinos de D. Luiz Filippe e de D. Carlos. Não quer. Não quer, mesmo, defender o throno a serio. O rei, a rainha, só teem um fim, levar isto sem canceiras o tempo... que isto durar.

Ou então são parvos.

São os proprios republicanos que descobrem o seu jogo alvarmente. Os republicanos mostraram manifesto pavor quando viram o ministerio progressista enveredar pelo caminho das *averiguações policiaes*, quer sobre o crime do regicidio, quer sobre o crime das associações secretas, quer sobre o crime de Cascaes. Immediatamente prometteram tirar vingança. Declararam sem rebuço, desde logo, que era *indispensavel* deitar o ministerio abaixo. Fizeram n'esse sentido esforços herculeos, mas sem disfarce. E hoje affirmam a toda a hora que o que lhes convem é um ministerio *reaccionario*.

Ora se lhes convem um ministerio *reaccionario*, porque fizeram tantos esforços por deitar abaixo o que estava? Se lhes convem um ministerio *reaccionario*, porque ajudam tão descaradamente o ministerio actual, e porque guerreiam tão encarniçadamente os *reaccionarios?*

Toda a gente vê isto. O mais bronco. Isto é do raciocinio mais elementar.

Não o vê o nosso rei Cricas *in partibus?* Não o vê o *alter ego* palaciano, o sr. Marquez do Soveral? Não o vê o rei D. Manuel? Vêem, com Deus, que não é dado imagina-los parvos chapadas. Então, logicamente, que conclusões ha a tirar? Que vêem isto perdido. E que vendo isto perdido, querem viver sem canceiras... o tempo que isto durar.

Luctar com os republicanos, com os dissidentes, com toda a escoria arruaceira do paiz, com o Teixeira de Sousa, que é bandido mór, e que colligado com os outros é homem dos diabos, impõe perigos, canceiras e responsabilidades. E não vale ralar! Creiam isto, leitores, que não é mais nada.

Mas o diabo arma-as. Quer Sua Majestade queira, quer não queira, por mais que o Cricas se desunhe, e que o Alpoim, feito lobishomem, dê pinotes, a situação ministerial é insustentavel.

Digam os charlatães o que quizerem: é insustentavel. E depois é que são ellas. Por maior que seja a arrelia de Sua Majestade, não tem remedio, Meu Senhor, *senão embarcar*. E então é que: *Aut Cæsar, aut nihil.*

Por motivos oppostos aos de Borgia.

E' ámanhã, 12, que se realisa o julgamento do *Povo de Aveiro*, que ultimamente ficou adiado.

A'manhã será definitivo, ao que parece.

Lá vamos.

Os amigos dos animaes

Sob este titulo, lê-se no orgão official da prostituição nacional:

Uma commissão de socios da sympathica e benemerita Associação Protectora dos Animaes, composta dos srs. dr. Joaquim Ramos de Oliveira, Manuel Simões Bayão, Severino de Avellar, Berto Leder e Mello Lorena, procurou-nos hontem, lamentando o facto de ao numero de habitantes de Lisboa não corresponder o numero de socios da prestimosa associação. Os corpos gerentes da associação vão levantar um movimento de propaganda e pedem o nosso auxilio. Embora seja humilde o apoio do "Mundo" podem contar com elle, porquanto se trata de uma obra de justiça.

Obra de justiça, não nos parece. Não ha cidade nenhuma do mundo onde os animaes sejam mais bem tratados do que em Lisboa. Poderiamos citar, em abono d'esta nossa affirmação, milhares de nomes e milhares de casos. Mas basta citar um só: o França Borges.

Este fala por mil.

E fica a questão arrumada.

De braço dado

Houve uma questiuncula, em Lisboa, entre um tal general Microbio e um tal Alfredo Leal. Ou antes, entre os creados do Microbio e o Alfredo Leal.

Parece que em casa do Microbio havia um antro de batota. E em casa do Leal, conspirador emerito, dynamitista, homem do diabo, uma *choça*. O Leal ia para o *Mundo* gritar contra o antro de batota e pedir á policia providencias. O Microbio arreliava porque, dizia elle,

entre batota e *choça*, a batota era mais inoffensiva que a *choça*. Os animos azedaram-se, metteram-se de permeio umas gallinhas — o Leal, nas horas vagas, é *gallinaceo* — e os creados do Microbio partiram a cabeça ao Leal. E sabem quem foi a primeira pessoa que acudiu de casa do Leal, isto é, da *choça?* Foi o sr. Antonio d'Oliveira, administrador do concelho d'Oeiras! O cavalheiro estava na *choça*, a palestrar... com o Leal!

Parabens, parabens, *cricalhada!* A melhor maneira de segurar a monarchia e de salvar a vida preciosa d'elrei D. Manuel era metter os administradores do concelho nas... *choças*. Onde elles, quasi todos, estão mettidos, por esse paiz alem! Para apprenderem a destruir as bombas de dynamite depois de... rebentadas!

Parabens ao nosso rei *in partibus*, em especial, e a toda a cricalhada, em geral.

P. S. Chega-nos agora o *Cornetim*, com segundo artigo sobre o caso. E n'este, já o administrador d'Oeiras apparece... como inimigo do Leal. Do primeiro artigo deduzia-se que eram mesmo... *dois irmãos unidos*. Ninguem diria, lendo, que o sr. Antonio d'Oliveira não houvesse descido... da *choça*. Mas agora, no segundo artigo, não. Aquillo foi espirito santo d'orelha que gritou ao Derouet:

O' burro, que fizeste cancaborrada!

Tambem se averigua que o Leal, no fim de contas, era um grande freguez da batota, *mais a familia*, e que só se sentiu indignado quando o puzeram fóra... por indecente e má figura.

A justiça e a moralidade republicana... do costume!

De mal a peor!

Quando Oliveira Martins escreveu o *Portugal Contemporaneo* ainda não tinha adherido á monarchia. Antigo socio fundador do club republicano do Porto, no seu retrahimento politico se mantinha.

Como o *Portugal Contemporaneo* condemnava o constitucionalismo e mostrava a obra inefficaz da monarchia liberal, os republicanos acclamaram a obra, como anteriormente haviam acclamado, doidos d'alegria, a *Historia de Portugal*, do mesmo auctor, porque Oliveira Martins fulminava os Braganças n'este livro. E', pois, interessante ouvir algumas das verdades, das grandes verdades que Oliveira Martins estampou no *Portugal Contemporaneo*.

Na *advertencia*, que acompanhava a primeira edição, dizia elle:

"Mas, de todos os motivos que tornarão este livro antipathico e hostil á maneira de pensar de quasi toda a gente, não tocámos ainda o mais grave: a negação do liberalismo individualista, como formula definitiva e adequada á constituição das sociedades. Respirando uma atmosphera diversa, independente da influencia de uma doutrina exclusiva, o auctor poude estudar, despreoccupadamente, o velho e o novo regimen, por isso que a data de 34 nem significa para elle uma ruina deploravel de instituições eternas, nem o estabelecimento de um systema de verdade definitiva: apenas a passagem das formulas historicas e absolutistas para as formulas revolucionarias e individualistas.

Ora o facto é que, meio seculo depois d'esses acontecimentos, e apesar das successivas provas praticas, ainda não foi possivel convencermo-nos do caracter abstracto, subjectivo, e por isso incompleto das formulas victoriosas em 34. Ainda o maximo numero, conservadores e revolucionarios, piza a tão estafada via da Liberdade, e apesar de todos lhe terem reduzido a poeira o pavimento, ainda se suppõem seguros e firmes. Nem admira: seculos são quasi sempre necessarios para varrer as nuvens das illusões. Os conservadores, centralisando todos os dias a machina social, cada vez mais complexa, com os seus exercitos, as suas poderosas marinhas, os caminhos de ferro, as grandes companhias, as dividas colossaes, — obedecem á fatalidade de um movimento necessario; mas nem por isso deixam de se dizer discipulos de um individualismo, de uma descentralisação, que diariamente contradizem nos actos.

D'esta inconsciencia nascem as fraquezas e uma deploravel falta de consistencia doutrinaria.

Dão por isso o flanco aos ataques dos revolucionarios que, por não governarem, se não podem contradizer. Governem, porém, um instante, e vêr-se-ha logo uma pavorosa anarchia como em Hespanha, ou em Paris em 71; ou vêr-se-ha, como na França de hoje, uma republica só diversa do imperio — por fóra. Condemnados á desordem ou á conservação, os revolucionarios de hoje expiam as consequencias da falta de um criterio scientifico na organisação das suas idéas. São ainda a cauda arrastada do antigo jacobinismo individualista: ainda vêem na Republica um ideal, e soluções intimas em questões de pura fórma, absolutamente exteriores — materia de occasião, conveniencia, opportunidade. A tyrannia das formulas abstractas ainda os subjuga, ainda a idéa da soberania individual os domina, — embora já não seja difficil vêr como n'essas opiniões anachronicas se infiltra o espirito novo. A contradicção levanta-se, por tal fórma, violenta e grave: mas quem descobre as contradicções intimas das idéas, senão o numero minimo dos que pensam?„

Mas quem descobre as contradicções intimas das idéas *senão o numero minimo dos que pensam?* Não ha duvida E se esse numero é *minimo* em toda a parte, em Portugal, como o proprio Oliveira Martins o registava, é *tão minimo* que nem se vê.

A parte mais importante, porem, do trecho que fica transcripto, é aquella em que Oliveira Martins, *ainda republicano*, condemna tão formalmente os republicanos, que prevê *uma anarchia pavorosa*, como em Paris em 1871, como em Hespanha depois da queda d'Amadeu, para o caso dos republicanos, *por um instante, sequer*, empolgarem o poder. Na melhor hypothese, teriamos uma republica como, tantos annos, foi, e em parte ainda é hoje, a republica franceza. Só diversa do imperio... por fóra.

Então, n'esse tempo, ainda Oliveira Martins não registava contradições nos revolucionarios, que constituiam um grupelho. Não era partido ainda. Era um grupelho. Se hoje vivesse, veria que as contradições são tantas como as dos conservadores. Tantas! Mas muito mais immoraes. Torpes, mesmo. Indecentes.

"Esta desordem de idéas simultanea em conservadores e revolucionarios é geral em toda a Europa latina. Desde que o direito divino acabou, — e já se póde considerar isso um facto consummado nos espiritos, embora ainda a necessidade imponha a muitos paizes as instituições monarchicas; desde que, por outro lado e ao inverso, as formulas individualistas, contrariadas pelo desenvolver fatal das sociedades, não podem fixar-se nas instituições, nem ceder ainda o logar nas intelligencias a principios scientificos, força é que os conflictos do pensamento e dos actos appareçam constantemente. De um tal estado de falta de coordenação das acções pelas idéas provém o espectaculo de uma sociedade confusa onde a mediocridade e a insensatez vão de braço dado caminhando ás cegas n'uma estrada sempre deprimente dos caracteres.

Talvez em parte alguma da Europa estas consequencias do individualismo sejam tão visiveis como em Portugal, — e por isso mesmo que entre nós a extenuação das forças vivas da sociedade chegou a ponto de destruir inteiramente as antigas instituições e idéas. Paiz nenhum da Europa é, com effeito, n'este sentido, mais *liberal* — se até o clero entre nós é progressista! Mas tambem por isso, acaso em parte alguma se encontrará tanta pobreza de gente, tanta escassez de caracter. As classes conservadoras, scepticas, vivendo n'uma apathia moral entorpecedora da dignidade e até da intelligencia, ficam pardas, banaes e mesquinhas. Os revolucionarios, sem a boa disciplina de inimigos pujantes e sabios, baixam egualmente, apresentando, nas extravagancias dos seus actos, a desorientação dos seus pensamentos, o vazio dos seus cerebros, e uma virulencia que demonstra a ausencia de verdadeira força, quando não demonstra egualmente a inferioridade dos caracteres.„

Em parte alguma se encontrará tanta pobreza de gente, tanta escassez de caracter!

Notem os leitores que Oliveira Martins dizia isto quando em Portugal existia Fontes Pereira de Mello, Anselmo Braamcamp, Antonio Rodrigues Sampaio, José Dias Ferreira, Manuel Pinheiro Chagas, Antonio Ennes, Emygdio Navarro, Marianno de Carvalho, e outros, cujos nomes nos não occorrem, nos partidos monarchicos. E no partido republicano, no nascente partido republicano, Oliveira Marreca, Latino Coelho, Rodrigues de Freitas, José Falcão e o proprio José Elias, que, sendo o peor, sendo mesmo mau, não tinha comparação alguma com *isso* que domina agora ahi.

D'esses homens, uns tinham incontestavel talento, outros incontestavel caracter. Os que tinham incontestavel talento não soffriam comparação, no talento, com a miseravel frandulagem que um réclame immoralissimo arvora presentemente ahi em *grandes* parlamentares, *grandes* jornalistas, *grandes* tribunos. Os que não tinham caracter da mesma forma não soffriam comparação, na falta de caracter, com esses pulhas, verdadeiros pulhas, authenticos pulhas, canalha vil, escoria reles que uma prostituição nata de caracter nos pretende agora impôr como os reformadores de costumes d'esta patria infeliz.

Marianno de Carvalho não tinha caracter. Não o tinha Emygdio Navarro. Mas, não obstante, entre elles e Affonso Costa, Alexandre Braga, Visconde da Ribeira Brava, Borracho, Centeno, Bombarda, *para falar só nos melhores*, abria-se um abysmo. Não eram esta *vileza*, esta infamia de prostibulo que, triumphante, refocila por ahi. E, comtudo. Oliveira Martins já não encontrava, *em parte alguma da Europa*, **tanta escassez de caracter, tanta pobreza de gente!**

D'um tal estado de falta de *coordenação das acções pelas idéas* provem o espectaculo de uma sociedade confusa *onde a mediocridade e a insensatez vão de braço dado caminhando ás cegas n'um estado* **sempre deprimente dos caracteres,** disse Oliveira Martins e muito bem.

Entre nós a extenuação das forças vivas da sociedade chegou a ponto de destruir inteiramente as antigas instituições e idéas.

Muito bem. Perfeitamente. Contra isso estamos nós a clamar constantemente. Contra essa mania de guerra ao padre, de guerra systematica, de guerra violenta, ao padre que até *entre nós é progressista!* Ao padre e a tudo. Nós destruimos alvarmente, *bestamente*, todas as nossas tradições, tudo quanto legitimamente, *scientificamente* nos prendia ao passado. E ficámos a *nadar*, sem pé, sem rumo, sem orientação, aos trambolhões, a dar com a cabeça nas paredes.

Cem vezes, mil vezes, um milhão de vezes o temos dicto n'este *Povo de Aveiro*. Não somos carne, nem peixe. Nem portuguez, nem inglez, nem francez. Nem europeu, nem asiatico. Nem democratas, nem conservadores. Nem crentes, nem atheus. Somos... uns monstrosinhos. Uns monstrosinhos de petulancia, de snobismo, de servilismo e arrogancia ao mesmo tempo. Uns *anõesinhos*. Uns macaquinhos. E uns ratinhos, doidos... por presunto e por queijo.

Tudo, menos homens! Tudo, menos um povo! Um povo consciente! Um povo digno! Um povo livre! Um povo com juizo!

"Cáiam por terra todos os aéreos balões perdidos: radicaes, jacobinos, federaes, republicanos, individualistas, localistas e *tutti quanti!* Honra a quem melhor souber ensinar a virtude, distribuir a sciencia, a riqueza, entre um povo infeliz, digno de melhor sorte. Tratae d'elle, e vêl-o-heis crescer e medrar — até ao dia em que dispense a tutella historicamente indispensavel de classes privilegiadas, militares ou industriaes, aristocraticas ou burguezas. Então a democracia será uma verdade e não uma ficção; a liberdade um facto, não uma formula; a sociedade uma harmonia, e não um cahos.„

Pobre Oliveira Martins, que era prégar no deserto! Era, e é! Ha uma coisa muito difficil de curar! E' a falta de senso moral. E isto é um povo... bebedo.

O que fica transcripto é da *advertencia* da 1.ª edição. Mas as *explicações* da 2.ª edição não são menos verdadeiras e menos eloquentes.

"Acham, tambem, que eu *carrego de mais* o quadro da situação presente, que sou uma creatura pessimista — por genio, segundo uns, por falta de "orientação mental„, explicam outros. Jámais contestei o facto do enriquecimento recente, antes o puz em toda a evidencia: parece-me comtudo que se lhe exaggera o alcance. Leis como a da abolição dos vinculos e da desamortisação por força haviam de crear riqueza: obras publicas como as que se teem feito desde 1851 haviam de a mobilisar. Politicamente, porém, esse facto isolado vale pouco. Pensa alguem que Portugal, fosse qual fosse o destino da sua historia contemporanea, teria deixado de progredir em riqueza? Ninguem o pense. Politicamente o que importa, pois, é comparar o progresso realisado com o das outras nações da Europa, e esse trabalho entra decerto no plano da **Bibliotheca**, mas tem o logar proprio em outra obra (1).

Dada esta explicação pelo que diz respeito ao progresso chrematistico, temos de perguntar agora se os criticos pensam que se cifre n'elle a vitalidade de um povo. Eu não penso. Enriquecer é excellente, mas é apenas um meio: quando se torna um fim, em vez de excellente, é pessimo. Antes pobres com idéas e caracter, do que chatins vulgares e dinheirosos.

Ora eu desafio quem quer que seja a provar-me o nosso progresso intellectual e moral. Eu vejo — não vêem todos? — uma decadencia no caracter e uma desnacionalisação na cultura. Dos costumes politicos não falemos. Litterariamente a lingua perde-se — e mais de um tem allegado como documento os meus proprios livros! Depois da geração dos João Pedro Ribeiro, dos Ferreira Gordo, dos Bonifacio d'Andrade, dos Amaral, dos visconde de Santarem, dos Mousinho, dos Brotero, dos Pinheiro Ferreira, — ainda tivemos um homem, Herculano: um unico, para succeder á pleiade numerosa dos academicos do primeiro quartel do seculo. E se hoje se levanta sporadicamente alguma excepção, o facto é que se scindiu a tradição intellectual, que se perdeu o habito de pensar, que apenas se escreve, por arte ou por industria, n'uma linguagem mascavada, o que vem cosinhado e requentado de Paris.„

E ainda no teu tempo, meu velho, não existia o *Margarido*. Nem mesmo nas paginas dos *Maias*, do nosso Eça de Queiroz. O Palma Cavallão era muito menos pulha e muito mais intelligente.

Nem o *Margarido*, nem o *Trilho*, nem o *Derouet*, nem o *Zé Barboza*, nem o *Carlos Calixto*... ah, não digamos mais, não vás tu, espirito errante, morrer de nojo e de dôr... segunda vez.

"Todavia, se me é licito dizer n'este logar o meu pensamento — ahi vae o que está hoje na consciencia de mais de um portuguez. Diz-se nas conversas, não sei se até se escreve nos jornaes, que um rei medroso e indiscreto é o obstaculo principal ás reformas, o patrocinador decidido do regimen de corrupção em que vivemos; e que uma abdicação e uma dictadura são indispensaveis á salvação do paiz.

Faça-se, pois, essa derradeira experiencia. Aconselhe-se ou exija-se essa abdicação, venha essa dictadura que, no regimen actual, ou terá de encontrar no novo soberano uma adhesão sincera, ou será esteril como foi a de 1868.

Repita-se o movimento, escolham-se homens sabios e virtuosos, a vêr se se logra melhor fortuna. Em 68 o apoio decidido da parte sincera e sã da nação naufragou contra a hostilidade da corôa e contra a incapacidade dos dictadores. E' que estes, educados ainda no radicalismo, pensavam que o seu officio consistia em prégar moral e em decretar reformas radicaes.

As necessidades urgentes de Portugal são maiores e mais complexas. Liberdade ha sufficiente, de mais até: ninguem pensa hoje em dia em atacar esses direitos do individuo que andam erradamente nas constituições quando o seu verdadeiro logar seria o codigo civil; mas urge reformar n'um sentido pratico os sophismas que, sob o nome de "liberdades„, corrompem até a medulla o corpo d'esta sociedade. Urge moralisar a administração e extirpar o parasitismo que nos roe. Urge pôr ponto e ordem no desvairado rumo das finanças, no regimen iniquo e absurdo do imposto. Urge suster na queda, ou amparar na nascença, a navegação e as industrias, para os nossos filhos não serem forçados, á mingua de occupações, a pedir por esmola um emprego. Urge povoar um territorio meio deserto e plantar gente nas brenhas que por toda a parte mancham o paiz. Urge acabar com a agiotagem que, alimentando um thesouro mendigo, nos conduz rapido á ruina. Urge n'uma palavra moralisar uma politica desvairada, levantar uma auctoridade abatida — e levantal-a não pela força, mas pelo respeito devido ao saber e ao caracter — restaurar as forças economicas de uma nação adormecida e o vigor moral de um povo atormentado.

Se para isto é necessario que um rei se demitta — demitta-se o rei. E se para o rei abdicar fôr mister coagil-o, faça-se. Resta saber se o egoismo, a cegueira, o interesse vil, a indolencia, a ignorancia, a veniaga de que os politicos abusam em particular, e o servilismo que em publico distingue a imprensa — resta saber se não poderão mais do que as ambições nobres de uma minoria de gente ingenua e boa...„

Podiam, sim. Poderam, sim. Como os factos demonstraram, e estão demonstrando, eloquentemente.

Mas reparem os leitores: já ha 27 annos, com D. Luiz I, um fraco e um dissoluto, espiritos cultos pediam *abdicação e dictadura*.

Mais felizes do que nós. Então ainda havia um principe, D. Carlos. Hoje só nos resta... *Sua Majestade, El-rei Cricas I!* E estamos com sorte, diz aqui o meu visinho. «Em vindo o *Calcinhas*, o sr. ainda se ha de arrepender, diz elle, da troça que faz ao Cricas!»

(1) Geo. polit. e estat. das nações.

Fundo de propaganda

Transporte do numero 1:375 .	332$110
Antonio Joaquim da Silva (Lisboa) .	4$350
Somma	336$460

Infamissima choldra

D. Carlos, como sempre temos dicto, tinha defeitos. Imperdoaveis defeitos. Mas, alem de ser preferivel, com todos os seus defeitos, ao filho, com todas as suas virtudes, mil vezes preferivel, não foi victima dos seus defeitos, como tambem já temos dicto, mas victima das suas virtudes. Esta é a verdade, que tanto mais se confirmará na historia quanto mais o tempo decorrer.

D. Carlos não creou inimigos por actos de indignidade mas por actos de honestidade. Navarro deixava de querer mal ao diabo para lhe querer mal a elle, porque elle se negava systematicamente a conceder-lhe consagrações e favores que redundavam n'uma immoralidade, sendo Navarro, como era, no fundo, um bandido. Arroyo detestava-o pelo mesmo motivo. Arroyo era um gatuno. Já nem chegava, mesmo, como o Navarro, a ser um grande bandido. E D. Carlos não queria subscrever com a sua assignatura a apotheose de um gatuno. O Zé dicto nunca chegou, nunca chegaria com elle a ministro... pelo mesmo motivo. Deixa-lo-ir até á China, ainda deixava. Mas sentar-se no Terreiro do Paço como secretario d'Estado, é que não.

Ao Borracho, ao famoso pulha, não o queria como ministro da guerra. De maneira nenhuma. Por mais que Borracho atroasse os ares com ameaças. Ministro da guerra é que o pulha não seria. E foi então que os republicanos agarraram n'elle e o fizeram Bayard, e o sagraram *chevalier sans peur et sans reproche*.

E assim por deante.

A rainha sua esposa teve sempre a mania de mandar. Elle nunca o consentiu! E por isso é que ella se associava ás conspirações que tinham por fim força-lo a abdicar.

Elle nunca o consentiu! A rainha tinha vindo, dizia elle, só para dar á coroa successores.

Tinha defeitos? Tinha. Mas, com trezentos diabos, do mal o menos. Tinha essas virtudes.

Os outros nunca procuraram emendar os seus defeitos. Nunca procuraram corrigir-se. E elle, manifestamente, fez, no fim da vida, um esforço herculeo para metter na ordem esta degringolade e pôr cobro a esta orgia. Manifestamente. E bastaria isso para o redimir.

Tinha lá comparação, esse homem, com todos estes bacoros, republicanos e monarchicos, que para ahi, ignobilmente, refocilam!

Agarremos n'um *catão*, no Cabrito Macho, por exemplo, que anda sempre para ahi a abençoar a carabina do Buissa, e comparemos. Que parallelo existe entre este homemsinho, este homemsinho de piadas, de facadinhas, este gramador de pulhas, este aleijadinho absolutamente insusceptivel d'um acto de revolta altiva, de um protesto corajoso, d'uma responsabilidade grande e aquelle homem de largo arcaboiço, aquelle homem resoluto?

Nem falemos n'isso, que causa nojo e tristeza.

Com todos os seus defeitos, D. Carlos foi o ultimo homem da raça portugueza.

O que elle não diria, se visse esta choldra! Esta choldra infamissima! Organisada pela propria mulher e consentida pelo proprio filho!

Para que um homem se casa! E para que um homem tem um filho!

O que elle não diria, se visse o Motta Veiga a almoçar com o Affonso Costa, os dois a fazerem brindes á republica e, cá fóra, o fungágá da aldeia a tocar a marselheza!

O que elle não diria, se visse o administrador d'Oeiras de grande camaradagem com o Alfredo Leal! Emfim, se visse isto tudo.

Isto é a *piolharia* e a pulharia mais ignobil que tem creado o universo.

Infamissimos bandalhos! Infamissimos! Em que os monarchicos se revelam tão reles, tão repugnantes como os republicanos!

Os monarchicos, não. Os republicanos, não. Havemos de dizel-o sempre: não ha monarchicos, com raras excepções, não ha republicanos, n'esta immundicie.

Dizem os pulhas dos republicanos que apoiam o governo, porque os governamentaes lhes promettem liberdades. Mas liberdades tambem lh'as prometteu, e tambem lh'as deu, — começou por ahi, — o João Franco. Porque responderam ás promessas e ás primeiras concessões de João Franco com uma guerra feroz, encarniçada, cruel, sem exemplo? Porque João Franco era sério. Porque era honesto. Porque era sincero.

João Franco fazia concessões e dava liberdades mas sem ladroeiras e sem abdicações. Era na linha d'um governo sério. E isso era terrivel para os republicanos. Era um exemplo funesto. Era um principio medonho. Era um parallelo de tremer. O que lhes convinha, o que lhes convem, é esta choldra, esta misturada, esta hybridação, esta vida de bordel, em que se abandalha o rei, o governo, a justiça, tudo, fazendo elles, ao mesmo tempo, tudo quanto querem.

Isto é que lhes convem! Esta vida de bordel, que não ha comparação mais exacta e mais frisante. Esta vida de bordel, em que a monarchia faz de rameira vil e a republica de freguez vicioso e pulha. Em que a rameira leva bordoada do freguez e ainda por cima lhe dá caricias e dinheiro. Para que os republicanos não percam o sestro de *rufiões* com que, já agora, os assignalou o destino.

Pulhas! Pulhas!

E atreviam-se estes pulhas, e atrevem-se, a falar de João Franco e de D. Carlos!

O mal de D. Carlos, o mal de João Franco, não deixaremos, jamais, d'insistir n'isso, foi não fuzilar os que na noite de 28 de janeiro appareces-sem nas ruas, enviando o resto para Timor. Mas não o fizeram. Mas um pagou com a vida esse erro e outro com um ostracismo doloroso. Não o fizeram. Não fizeram mal a ninguem, afinal. Foram... *uns pobres homens*. E ainda se atrevem a falar d'elles!

Pulhas! Pulhas!

Mas, registe-se. Quem deu e quem dá com isto em pantana é a rainha D. Amelia. E' ella quem dá cabo do throno ao filho.

Sempre idiotas, alem d'intrujões

Não abrem a bocca uma vez que não mintam. Portanto, que não cáiam nas maiores contradicções.

O ignobil especulador do *Lanterneiro* — suppomos que é elle quem escreve ainda os artigos de fundo do papel do Silva Graça — dizia no dia immediato ao da eleição, que uma das lições da urna tinha sido a derrota *dos clericaes*. Mas agora, para tirar effeito ás declarações do conde de Souza Rosa a um redactor do *Matin*, sustenta que em Portugal todos os governos vencem as eleições, de tal forma que até este governo, *que não tem força nenhuma*, as venceu.

O caso d'agora o prova. O partido regenerador estava enfraquecido por deserções successivas e valiosas e a sua disciplina quebrada pelas perturbações graves da sua vida interna, que toda a gente conhece. Chamado ao poder em circumstancias difficeis, commetteu o erro de pedir a dissolução das cortes antes de se haver produzido o acto constitucional que indicasse a necessidade d'essa intervenção violenta do poder moderador. Como consequencia da dissolução, foram convocados os collegios eleitoraes para 28 do mez passado.

Nunca governo algum teve "menos tempo„ para preparar a victoria, ainda pelos meios varios que no calão do regimen se encobrem na decifração euphemistica de "montar a machina„.

Apezar de tudo — da sua relativamente reduzida população partidaria, da substituição, sempre difficil e demorada, das auctoridades administractivas, dos elementos de força que, pela queda, ainda fresca, dos adversarios, estes ainda manitham, e da esperança, que tambem haviam feito crear em muitos, de que voltariam a ser governo em poucos mezes — apezar de tudo isso, diziamos, o governo venceu!

Quer dizer, o partido regenerador não tinha por si *força nenhuma*. Toda, ou quasi toda a força que lhe deu o triumpho, proveio do simples facto de estar no poder.

Sendo assim, como se atreveu o conde de Souza Rosa a dizer ao redactor do *Matin* que a *victoria eleitoral dos republicanos foi, numericamente, pouco importante?*

Mas se as votações em Portugal não significam nunca o verdadeiro veredictum da opinião publica, como foi que o desavergonhado do *Lanterneiro* declarou que uma das lições da urna tinha sido a derrota dos *clericaes?*

Se o conde de Souza Rosa mentiu dizendo que *a victoria eleitoral dos republicanos foi, numericamente, pouco importante*, como falou verdade o ignobil *Lanterneiro* affirmando que da urna sahiu a derrota dos *clericaes*, tendo estes obtido o quadruplo dos deputados que obtiveram os republicanos, e sendo certo que a grande campanha do governo não foi contra os republicanos, que protegeu escandalosamente, mas contra o *bloco?*

Grandes biltres! Mas em elles abrindo a bocca deixam logo perceber a infamia!

Interessante

O *Liberal* e o *Correio da Noite* publicaram ha dias este telegramma:

"*Castello Branco, 31. — Vejo agora telegrammas publicados no "Seculo„ em que o governador civil d'este districto accusa de falsas as informações que teem sido enviadas a El-rei e attribue a amigos meus a responsabilidade de violencias e crimes que elle proprio insinuou e mandou praticar, como será documentalmente provado em processo crime que vae ser instaurado contra o mesmo Costa Ornellas.*

Quem falta á verdade, da mesma fórma que torpemente illudiu o governo com falsissimas informações eleitoraes, é o mesmo Ornellas, que depois de haver sido a vergonha do exercito portuguez, está sendo a deshonra da administração publica. — Francisco Tavares d'Almeida Proença.„

Julguei imminente um duello!

Dias depois, porém, a *Gazeta da Beira*, de Castello Branco, publicava esta carta:

"*Meu caro Cardoso. — O governador civil d'este districto — um desqualificado que dá pelo nome de Costa Ornellas — disse ao presidente do conselho de ministros, entre outros embustes e gabarolices, que eram falsas as informações fornecidas a El-Rei ácerca das inauditas violencias que elle, governador civil, está praticando.*

Ora, como eu fui uma das pessoas que com a mais rigorosa verdade informaram a El-Rei, ainda deixando de mencionar factos escandalosos que o mesmo Costa Ornellas praticou e de que tenho provas, eu desmenti o energumeno e fui n'esse desmentido até violento, na persuasão de que, sendo elle official do exercito e usando de uma espada, d'ella saberia servir-se para se desagravar. Sómente agora sei que estava em erro e sinto-me envergonhado. A espada do homem é de... lata, tão estanhada como a cara do seu possuidor, onde toda a gente póde cuspir impunemente.

Se eu soubera d'esta circumstancia mais cedo, não teria procedido de fórma a dar a ideia de que aproveitava da cobardia notoria do individuo; mas, emfim, eu tive noticia de que este cretino se gabara de me haver tomado á sua conta para me... liquidar e por isso tambem não posso deixar de fazer saber a este esfregão social e administrativo o que lhe custa a sua inepcia e a sua insolencia.

Peço-lhe, meu caro Cardoso, o favor de publicar esta carta. Seu amigo obgd.º — F. Tavares d'Almeida Proença.„

Todos os dias tenho procurado, com interesse, a noticia do duello, ou, então, de se ter reunido, ás ordens do Papa-feijão, dentro das *praxes estabelecidas*, o Conselho Superior de Disciplina do Exercito, para julgar o sr. Costa Ornellas.

Até hoje, nada!

Esperemos mais uns dias. E no domingo, se nada vier, commentaremos o caso, que então se torna *importante*.

Bombarda

Escrevem-nos:

Cada vez se impõe mais a necessidade d'uma syndicancia aos actos do director do Hospital de Rilhafolles, cujos serviços andam á matroca e onde se dão os factos mais escandalosos e dignos d'um severo castigo.

Bombarda, o *libaralão* lá fóra, é, no seu hospital, o grande *inquisidor*, despedindo empregados que ficam sem pão para os filhos, suspendendo outros por 10, 15, 20 e até 30 dias em cada mez sem os ouvir e sem lhes admittir defeza! E no emtanto é elle quem menos cumpre com os seus deveres regulamentares! Mesmo na applicação de tão barbaros castigos ao pessoal elle mostra o seu caracter despotico e de empavezado dictador; porquanto não está na sua alçada applicar taes castigos, nem nenhum regulamento lhe dá a faculdade de suspender por mais de 3 dias e nunca foi da sua competencia demittir ninguem! Mas suspende, demitte e só quando lhe parece é que dá conhecimento de taes castigos á administração hospitalar, de quem depende inteiramente, sem sequer lhe dar a importancia de indicar os motivos de taes castigos. E o enfermeiro mór apressa-se a achar tudo muito bem não vá o homem zangar-se!!

Ultimamente, porém, deu-se em Rilhafolles um facto que não póde ficar sem castigo, tal é a sua gravidade.

Manuel Domingues Martha, um infeliz pensionista atacado de loucura, conseguiu, com um copo que partiu, cortar as arterias dos braços; pois este desgraçado morreu esvahido em sangue por falta de soccorros medicos! O grande Bombarda andava por montes e valles prégando ás turbas a sua moral avariada! O pessoal, para encobrir o desastre e a falta do director, não chamou outro medico, senão quando o pobre louco estava já na ultima. Foi vel-o a toda a pressa o medico de serviço na Estephania; mas quando chegou encontrou um cadaver. Depois enganaram a familia com duas loas, mas a verdade é que se lhe teem acudido, se o director está no seu posto, o pobre Martha não tinha morrido!

Pois o Bombarda queria lá saber dos doentes! O que lhe deu cuidado foi obrigar os empregados a votar a lista republicana, mandando o larapio do filho rasgar e inutilisar todas as cartas que foram dirigidas ao pessoal com listas monarchicas, de cumplicidade com o fiscal — um menino virtuoso que — (mercê da justiça bombardacea) — saltou de praticante a fiscal com prejuiso de empregados cheios de annos e de serviços! Pois o gatuno, não tendo relogios e joias a roubar, foi roubando as listas monarchicas — praticando assim um verdadeiro crime acobertado com a capa de doido!

Uma das ultimas proezas do Bombarda filho revela o grau de perversão moral a que chegou tão nojenta creatura — que em tudo mostra ser digno descendente d'um tal pae!

Abandonando a infeliz L. C. que seduziu sendo menor, deixando-a com uma filha nos braços e depois de lhe roubar dinheiro, roupas e joias, tomou-se d'amores com uma empregada do hospital Estephania a quem, depois de a explorar infamemente, roubou um pequeno cofre de charão contendo todo o ouro da pobre rapariga.

A roubada, porém, que não é molle como a L. C., foi immediatamente queixar-se á esquadra do Campo de Sant'Anna, onde não quizeram tomar conta do caso por não ser da sua competencia.

Da esquadra foi ao governo civil e ahi alguem a aconselhou a que reclamasse do pae a importancia do que o filho lhe havia larapiado. Assim fez e o grande Bombarda lá mandou desempenhar as joias roubadas e entregou-as á queixosa pedindo o maior segredo!

Ella assim o tem feito, mas estes factos tiveram a publicidade bastante para chegarem ao nosso conhecimento.

Como esta outras teem sido victimas d'este *apache*, sempre acobertado com a cumplicidade do pae que, ameaçando os queixosos de os internar no hospital, como aconteceu aos compradores do boi, ou pagando o silencio dos outros e ainda dizendo o filho doido em momentos de crise penitenciaria, o tem livrado sempre do merecido castigo.

De modo que o hospital serve para o *illustre deputado libaral* internar os maridos das amantes que deseja explorar mais á vontade, e o filho gatuno e vadio para o furtar á acção da justiça. Para curar alienados é que tal hospital não serve. Não se cura ninguem, morrem ás dezenas como tordos e a maior parte morre sem que o sabio director chegue a fazer o diagnostico da doença, pois para sua ex.ª um diagnostico é sempre um parto muito laborioso — para 15 a 20 dias pelo menos!

Quem lhe conhecia o valor e a sciencia era Souza Martins, que, emquanto vivo, nunca consentiu que o Bombarda deitasse os pésinhos de fóra. Emquanto o mestre viveu, nunca o pavão se sentiu á vontade. Só na quadrilha Affonso Costa este doido teria nome!

E' espantoso! O que se está passando com este homem, o que se está passando com o partido republicano, o que se está passando com a sociedade portugueza, é verdadeiramente espantoso!

Bastaria, como temos dicto, a attitude publica, ou, por outra, os factos ostensivos de Bombarda, para que em nenhum paiz de *senso e governo regular*, já não queremos dizer n'um paiz *digno*, n'um paiz de *bom senso*, n'um paiz de *bom governo*, bastaria isso para que elle fosse demittido de director d'um hospital d'alienados. Um energumeno, um verdadeiro energumeno, um doido, não seria, em paiz algum do mundo com regular juizo e regular dignidade, director de uma casa de doidos. Um doido a dirigir doidos! Esta é uma das muitas que nos caracterisam como um povo decadente, degenerado, epileptico, inteiramente destrambelhado. Mas, independente d'isso, áparte os factos ostensivos, esse homem é atrabiliario, arbitrario, despotico, criminoso, commettendo actos que, se não são conhecidos do grande publico, são conhecidos de meio mundo em Lisboa.

E Lisboa eleje-o! E Lisboa glorifica-o!

Esse homem metteu no hospital de Rilhafolles o marido da propria amante! Esta façanha rocambolesca leva-lo-hia em qualquer parte á grilheta. Em Portugal leva-o... ao capitolio. em nome da redempção da patria, da verdade, da democracia!

Pulhas! Crande paiz de pulhas!

Ainda que o marido estivesse realmente doido — e estava no seu plenissimo juizo — nenhum homem de bem o acceitaria no hospital que dirigisse, dadas as suas relações intimas com a mulher do infeliz! Ainda que estivesse doido! Quanto mais estando com juizo!

Esse homem é eleito *pela capital do paiz* em nome da egualdade, da liberdade, da fraternidade, da justiça, e esse homem é na Escola Medica, e esse homem é no hospital de Rilhafolles, da propria cidade de Lisboa, um despota, um verdadeiro despota, praticando actos de revoltante arbitrariedade, de revoltante crueldade, de revoltante injustiça!

O que significa esse movimento republicano? O que significa essa pretendida democracia?

E ainda os miseraveis pedem que os julguem ... *quando forem poder!*

Aguardem os nossos actos, clamam nas conversas particulares, *e julguem-nos quando formos poder!*

E ha quem fique a olhar para elles . . . rendido á *grandeza do argumento!*

Definitivamente, isto é um paiz perdido.

Grave!

O *Cornetim* tres dias successivos sahiu a campo a tomar a defesa *calorosa* do sr. Alberto Navarro, relativamente ás accusações de cumplicidade no regicidio que ha muito lhe faz a opinião publica.

O *Cornetim* jura e bate fé que as accusações feitas ao sr. Navarro são *verdadeiramente repugnantes e falsas.*

Muito grave!

Sabe-se que em o *Cornetim* dizendo é branco, é preto. E em dizendo é preto, é branco.

Sabe-se como o *Cornetim* no crime de Cascaes se fartou d'attribuir a morte de Nunes Pedro a desastre, troçando do sr. dr. Antonio Emilio por elle persistir em não acceitar o crime como *desastre.*

Sabe-se como elle negou e tornou a negar a existencia das sociedades secretas, troçando ahi, novamente, do juiz d'instrucção criminal.

Sabe-se a falta d'escrupulos com que a infamissima *Corneta* mente, attribuindo todas as infamias que lhe veem á cabeça aos adversarios.

Como defende agora, tão *calorosamente* o sr. Alberto Navarro? Francamente, é caso para pensar.

Será falso tudo quanto se diz contra o sr. Alberto Navarro, mas a defesa calorosa do *Cornetim do Margarido* compromette-o d'uma forma desastrada.

CARTA DE CABO VERDE

S. Nicolau de Cabo Verde, 23-8-910.

A estas horas deve já ter chegado a Lisboa sua ex.ª o governador d'esta provincia, capitão tenente da armada real Martinho Montenegro, a retemperar a sua saude e descançar das labutas da administração superior d'esta provincia, onde pelo seu porte fidalgo, nobreza de caracter e dotes de trabalho deixou profundas saudades entre todos os habitantes d'esta colonia.

Sua ex.ª seguiu para Lisboa nas vesperas das eleições, que aqui se realisaram a 14 de agosto corrente (!), não querendo assistir, segundo cremos, á consummação do ultraje que o governo atirou ás faces do povo cabo verdeano apresentando-lhe para deputado o famigerado visconde da Ribeira Brava!

Aonde irá isto parar?!

Pois o governo do sr. Teixeira de Souza já chegou á suprema abjecção de propôr para deputados, homens com a suspeição de implicados na tenebrosa tragedia do regicidio, ou pelo menos com as mais intimas ligações com elles?

Suprema affronta!

Não nos admiraremos se d'aqui a pouco soubermos que a sua magestade foi levado á assignatura um decreto "cedendo o bronze d'alguns dos canhões que jazem no muzeu d'artilharia para a fundição d'uma estatua aos heroes do Terreiro do Paço, Buissa e Costa!„

De tudo é capaz o arruaceiro de Alijó.

O que no meio de tanta bambochata nos espanta é que o povo não accorde do somno lethargico em que tem jazido apesar dos valentes safanões que o brilhante e patriotico *Povo de Aveiro* lhe tem dado, e não corra a tiro, a cacete e a pontapé essa meia duzia de "testas de ferro„ que com procuração e em nome da funesta trempe de buissidentes, jacobinos e republicanos, estão conspurcando as cadeiras do poder enlameando e vexando não só o povo, mas até collocando el-rei n'uma situação verdadeiramente deploravel.

Basta d'infamias!

Z.

O famoso Borracho

Recebemos a carta que se segue:

... *Sr.*

Convencido, pelo que tenho lido no jornal de que V.é digno director, de que está sempre prompto a defender o que é legal e a fustigar os factos que se afastam da moral e do bom caminho, venho hoje pedir-lhe que, estudando o assumpto que passo a referir-lhe, o tome á sua conta e, conseguintemente, o homem a que tal se refere, tanto mais que consta ser protegido pelo presidente do conselho, o que é para espantar, (1) visto que se trata de um official dos mais perniciosos ao exercito, de um dos republicanos pulhas de bem, (2) como V. lhes chama.

Trata-se do general Baracho, que tem a pretensão, e parece que com as melhores esperanças, de que pelo actual ministro da guerra lhe seja levantado o castigo que pelo general Cardeira, então ministro da guerra, lhe fôra applicado.

Ora, tal castigo não póde ser-lhe trancado, porque a isso se oppõe o regulamento disciplinar do exercito, que bem claro é no seu artigo 145.º:

«Salvo os casos previstos no artigo anterior, as notas das penas averbadas nos registos disciplinares só poderão ser annulladas:

1.º No caso de amnistia;

2.º No caso de reclamação attendida e feita em tempo competente.»

O artigo 144.º diz:

«Todas as penas disciplinares inferiores a prisão correccional averbadas nos respectivos registos, ficarão annulladas para todos os effeitos, quando o militar que as tiver soffrido fôr agraciado com a medalha de valor militar, por actos praticados posteriormente á imposição das mencionadas penas.»

Ora não estando o general Baracho em nenhum dos casos que o regulamento indica, seria uma das maiores immoralidades se houvesse algum ministro da guerra que se atrevesse a um atropello d'esta natureza, que o exercito não acceitaria de bom grado. Uma solução favoravel a tal pretensão seria um escarneo.

Apresso-me, pois, a avisal-o que se quer pôr em pratica este assombroso escandalo, e rogo-lhe que no seu jornal se opponha com aquella força de vontade e com a argumentação de ferro que o caracterisa, para que seja desfeita, por completo, a favoravel decisão que pretende o general Baracho, o tal que a V. o *desqualificou*, decisão muito recommendada pelo presidente do conselho.

Um seu assiduo leitor.

(1) *Ha de perdoar, mas o contrario é "que espanta„.*

(2) *Alto ahi! Nunca chamámos pulha de bem a esse bandalho. Pulha desavergonhadissimo, é que é!*

Por isso o malandro anda a investir no *Diz-se* do *Immundo* com o general Honorato de Mendonça! Querem vêr que o general Honorato de Mendonça é, naturalmente, contrario á pretenção?

Pois, amigo leitor, no domingo — visto ter chegado muito tarde a sua communicação — trataremos do caso. Mas fique certo, desde já, que ainda o ha de vêr a dar beijamão no Paço das Necessidades!

Fique certo.

Cabritices

Escreve o nosso Cabrito Macho:

"Póde dizer-se que não ha terra alguma no paiz, actualmente, onde não seja possivel, quasi poderiamos dizer onde não seja facil levar a propaganda republicana, desde que se entenda que nem todos são para tudo, e que as idéas, como as sementes, só fructificam e produzem quando lançadas em terreno apto para as receber. Não se póde falar n'uma aldeia do Minho como se fala n'uma aldeia do Alemtejo, porque o minhoto e o alemtejano não teem os mesmos interesses, e, tendo embora a mesma constituição mental, as idéas e os sentimentos que os dominam como que fazem d'elles individuos que não pertencem á mesma familia e nem sequer são da mesma raça.„

De maneira que para este mariolão, que tem enganado meio mundo com o seu catonismo, as idéas e os sentimentos são como as sementes: estão subordinados á qualidade da terra, do clima, do estrume, e aos interesses... do hortelão.

Onde vae bem o pepino, semeia-se o pepino. Mas onde não vae bem o pepino, semeia-se alface.

Rende o tomate? Vae o tomate. Mas rende mais a fava? Vae a fava.

Bolota para os do Alemtejo. E milho ou centeio para os do Minho e Traz-os-Montes.

A republica tem para tudo. E', definitivamente, a grande panacéa universal.

Que grande mariolão!

*

Outra, ainda:

Escrevem-nos "leitores assiduos„ estranhando que o enterro de Consiglieri Pedroso fosse catholico, visto ter elle sido, affirma um d'esses assiduos leitores, fundador do registo civil. Já por mais de uma vez temos dito que nada tem o registo civil com a religião de cada um, podendo muito bem um catholico ser membro da Sociedade do Registo Civil sem praticar um acto de incoherencia.

Não ha que vêr: o legitimo pescador d'aguas turvas!

Em parte alguma do mundo o catholico foi, jámais, adepto do registo civil. O catholico póde acceitar, e acceita, o registo civil como uma fórma mais regular *d'administração publica.* Mas não o acceita, nem o quer, como um *acto de propaganda favoravel á neutralidade em materia de religião.*

Ora a associação do registo civil teve sempre em Portugal um *caracter absolutamente hostil á religião.* Ou, pelo menos, de absoluta *neutralidade religiosa.* E tanto que a Associação, já depois d'escriptas as palavras do Camacho, e *parece que como resposta*, expulsou um socio por se ter casado catholicamente.

Mas se o Camacho nunca foi, nem é, nem será, mais que um hysterico, sem solidez de caracter e, portanto, desdizendo hoje o que disse hontem e tornando ámanhã a confirmar o que desdisse hoje?

De resto, Consiglieri Pedroso, sem ser precisamente o Camacho, e sem a *fórma* do Margarido e do Affonso Costa, era, no fundo, *como todos.* Nem republicano, nem monarchico, nem catholico, nem livre pensador. Uma coisa ou outra, tudo junto ou coisa nenhuma, conforme a occasião e a... conveniencia.

Este povo não tem caracter. Desenganemo-nos.

De Lisboa

Sr. Homem Christo

Decididamente a quadrilha não hesita na pratica de toda a sorte de crimes.

Vae desde o incendio ao roubo de dinheiro, de votos, de tudo. Agora até vae roubar a minha correspondencia para o *Povo de Aveiro*, que devia ser publicada no numero de domingo, 28. São ladrões de tudo quanto entendem lhes pode servir. Agora até roubam a correspondencia, violam as cartas, praticam toda a sorte de crimes, roubam a vida a quem se não presta a todas as suas manigancias. A correspondencia para o *Povo de Aveiro* lancei-a eu proprio no correio geral, como faço a todas, para evitar duvida e ter a certesa que não foi outra pessoa que se apoderou d'ella.

Sr. Alfredo Pereira, olhe para estas coisas e não consinta que os seus subordinados se associem á quadrilha de gatunos que está governando o paiz. Bem sabe que a gatunagem governamental não hesita sobre coisa nenhuma. Nem o mais abominavel crime a detem.

Ha dias, fallando um individuo com um fidalgo muito conhecido e descrevendo as prendas de Teixeira de Souza, disse:

«Não sei se elle ainda tem pae; mas se o tem, e lhe conviesse, para a realisação dos seus fins, mandal-o assassinar, não hesitaria um momento.»

O fidalgo responde: "Oh! diabo... já mais de uma pessoa me tem dito o mesmo.»

Ahi está a opinião que no paiz gosa o homem a quem o rei entregou a honra e o futuro de nós todos.

Querem saber como elle apanhou o logar de administrador geral das alfandegas, sendo ministro da fazenda? Ahi vae. Adoeceu o conselheiro Elyseu de Serpa, que desempenhava aquelle logar, e quando se convenceu de que elle não escapava, escreveu uma carta ao Hintze, que era presidente do conselho, em que lhe dizia: "Está a morrer o Serpa, não se commetta com o logar de director geral das alfandegas, porque o quero para mim.»

Textual. O conselheiro Pinto de Magalhães, funccionario antigo, conhecedor, como poucos, dos assumptos aduaneiros, e regenerador da velha guarda, deputado em varias legislaturas, sabendo que a morte de Serpa era fatal, dirigiu-se a casa de Hintze a pedir-lhe o logar. Hintze responde: teria muito gosto, mas não posso servil-o, porque o meu collega da fazenda quer o logar para si. E mostrou-lhe a carta que havia ha pouco recebido.

Na camara dos deputados foi logo sabido este ignobil caso e houve um deputado que a elle se referiu, o que fez enorme sensação, tão grande era o escandalo d'um ministro mandar guardar o melhor logar do seu ministerio para n'elle se prover. O escandalo não foi por deante, porque o deputado da opposição não teve quem o secundasse, pois Teixeira de Souza manobrou, por intermedio do já seu intimo amigo Alpoim, de fórma que não foi possivel fazerem-se mais referencias a tão estupendo escandalo.

Note-se que Hintze achava uma immoralidade a pretenção do collega e desejava que a opposição continuasse a atacar, para se desculpar de não consentir na nomeação que Teixeira de Souza pretendia.

Vem este caso a proposito para provar que a Teixeira de Souza nada o detem, quando quer realisar os seus planos.

Bem se importa elle que sejam legitimos ou illegitimos, bem se importa elle que sejam dignos ou indignos, honestos ou deshonestos, o caso é fazer-lhe conta. Desacredita, difama, faz tudo, tudo quanto lhe é necessario para conseguir os seus fins. Roja-se como uma serpente, abraça, beija, aquelles de quem depende; ameaça, ruge, chispa, lança olhares tigrinos para atemorisar os que não cedem aos seus desejos.

E' uma fera. Mente como um cão, dá coices que nem um jumento. Vejam se o que elle fez n'estas eleições não justifica a photographia que ahi fica pallidamente descripta.

Não tinha votos? Rouba-se. Não tinha influentes? Corrompem-se. Se não é por dez é por cem, mil, dez mil. Tudo se vende, é a moral d'este *estadista.* O dinheiro não era seu e então do pão do nosso compadre, fatia grossa ao afilhado.

Comprou votos que custaram 50$000, 100$000 reis e mais. O dinheiro d'onde veio? Eu sei lá! Dos cofres publicos. Diz-se que até 50 contos, que havia no cofre de beneficencia do governo civil de Lisboa, voaram.

*

* *

Declara a toda a gente que não cahe sem estrondo, que bem se importa ter ou não maioria na camara. Se não poder governar com maioria, governa sem ella. Se não poder governar com a camara, governará sem ella. Cahir é que não cahe, sem deixar o paiz n'um lago de sangue.

Tem a audacia de dizer que tem uma *missão messianica a cumprir*, e ha quem se convença d'isto! Garanto que elle diz isto, com o maior entono, aos seus amigos, que o repetem cá fóra a quem os quer ouvir.

Já lá viram um burro, um estupido, um idiota parecido com isto? Talvez imaginem que isto é blague? Garanto com a minha palavra de honra, que me foi referido por pessoas da maior respeitabilidade, que o ouviram da bocca d'aquelle imbecil.

Tem o *Povo de Aveiro* prevenido com a maior izenção o rei dos perigos que corre o paiz, conservando á frente do governo este bandoleiro, sem escrupulos de qualidade alguma, e capaz de praticar os maiores crimes, para se aguentar no poder, a que se agarra com unhas de tigre.

O rei não tem querido ouvir os conselhos desinteressados que lhe temos dado, e talvez supponha que alguem que escreve n'este jornal quer ser ministro, ou quer alguma coisa de Vossa Majestade. Nada d'isso. E' porque tendo andado cá por fóra, conhece melhor os perigos que todos nós corremos, rei e povo, com a permanencia d'estes homens com o governo na mão.

Elles dizem claramente, dissidentes e republicanos, que a raça dos Buissas ainda não acabou, que teem mais Buissas de reserva para a primeira opportunidade. E é nas mãos d'estes homens, que lhe mataram o pae e o irmão, e o estão constantemente a ameaçar, que o rei conserva o poder, não obstante o paiz se ter manifestado na urna contra elles. Não tem pretexto para os despedir, dizem? Os pretextos apparecem a cada momento. O governo vae breve pedir-lhe a nomeação de pares do reino. Ahi tem o Senhor D. Manuel uma magnifica occasião para se desfazer do governo.

Não lhe dê os pares, porque não lh'os deve dar, porque o governo não tem direito a pedir-lh'os, porque o paiz se manifestou na urna contra a sua politica e contra os seus ignobeis processos. Se Vossa Majestade se quizer desfazer do governo, tem mil meios. O caso é querer. Por mais que a quadrilha barafuste vae para o meio da rua logo que o rei queira.

Tendo-se o rei entregado nas mãos dos inimigos das instituições e dos monarchicos, e querendo sustental-os a todo o custo, não obstante as indicações que a opinião acaba de dar, na sua consulta do dia 28 de agosto ultimo, o que quer El-Rei que façam os monarchicos? O menos que podem fazer é retrahir-se e quando Sua Majestade necessitar d'elles não os encontrará.

*

* *

Estão as coisas, dizem, preparadas, para quando Teixeira de Souza de todo em todo não se possa aguentar, passar o governo a Alpoim. Querem estes dois *santos varões* arranjar-se de modo que o governo gravite d'um para o outro. Elles que tanto gritaram contra o rotativismo querem-n'o agora para si.

Verdade seja que a vergonha d'elles é tanta como a dos cães. Tambem Teixeira de Souza mandou dizer, pelos seus jornaes, que ia pedir a demissão de administrador geral das alfandegas, logo que subisse ao poder, mas até agora, nada. Tambem elle quando ministro da marinha e reformando o Banco Ultramarino, poz lá um artigo que tornou incompativel o logar de director d'esse Banco com o de administrador das alfandegas, e lá está a exercer esses dois logares. Elle tem lá vergonha, brio e dignidade?

*

* *

Consta que o Senhor D. Manuel está muito contente com o governo e com a sua quadrilha e anda furioso com o bloco que é monarchico, que é o unico sustentaculo do seu throno, das instituições, da independencia do paiz.

Não se comprehende esta cegueira do rei.

Pois ha lá alguem, bem orientado, que possa conceber que o Senhor D. Manuel esteja satisfeito e contente com os seus inimigos declarados e se diga zangado com os unicos que o sustentam, o defendem e ás instituições?

Pois o Senhor D. Manuel não attenta no que lhe teem dito homens da envergadura moral de Tavares Proença, o mais lidimo representante da raça dos nossos heroes, o amigo provado da sua familia? Então um homem com o caracter de Tavares Proença, que tem por timbre a honra, o dever, a lealdade, era lá capaz de mentir ao rei ou a quem quer que fosse?

Os seus inimigos, Senhor D. Manuel, estão nos seus ministros e na sua quadrilha, e é a esta gente que se entrega manietado de pés e mãos? Então não leu o que disse Affonso Costa a um jornalista extrangeiro?: «que Alpoim está encarregado de minar por dentro a monarchia, emquanto que elle e os seus tentam escavacal-a por fóra.» Já viu Alpoim protestar contra o que disse Affonso Costa? Quer maior prova, senhor D. Manuel? Não é significativo este silencio em quem é tão fallador?

E vae Vossa Majestade dar pares do reino a estes seus inimigos? Pois isto tem lá pés nem cabeça? Não concedeu Vossa Majestade pares a nenhum dos cinco governos que teem tido durante o seu curto reinado e vae dal os ao mais devasso, ao mais corrupto, ao mais crapuloso, ao maior dos seus inimigos?

E que gente se indigita para desempenhar tão elevadas funcções! São todos da laia do seu presidente do conselho, da laia dos Mottas Veigas, dos Costas e Ornellas, que teem patenteado a sua moral e os seus costumes n'esta epocha da mais desenfreada corrupção de que ha memoria.

De maneira que no seu reinado, meu Senhor, para se poder ser alguma cousa n'este paiz, é necessario pertencer á ultima escoria dos politicos, á infima ralé da sociedade, aos mais fifios lambedores das solas das suas botas? Os homens de bem nada pódem esperar de V. Majestade.

E a prova é que cinco presidentes do conselho não lhe poderam apanhar nem um par do reino e só o mais reles de todos é que vae ter essa ventura. O que teem a fazer os homens de bem com tal rei? A consciencia publica que responda. O menos que póde responder é que se deixem ficar em casa.

*

* *

Sr. Homem Christo:

Foi genial o seu artigo de fundo ultimo. Acabava a gente de o ler e ficava consolado. Houve quem o lesse quatro e cinco vezes e o désse a ler a outras pessoas.

Estava admiravel! E aquelle artiguinho da 2.ª pagina intitulado *O' meu rico D. Manuel!* Soberbo! Agora a serio: O sr. D. Manuel não podia trocar com o sr. H. Christo, agora o que póde, porque isso está na sua mão, é fazel-o presidente do conselho. Faça-o sr. D. Manuel e verá como o sr. Homem Christo lhe põe o paiz a direito. Elle arranja mais 6 da sua tempera e n'um mez muda-lhe a face a tudo isto. Experimente e verá. Tem experimentado tudo e cada vez peior. E olhe que não é difficil, é só haver boa vontade, um braço forte e uma tempera d'aço.

Não chegam a duas duzias os perturbadores d'este desgraçado paiz. Eliminados por qualquer fórma, tudo entra na ordem.

E n'este paiz de poltrões, ou de bandidos, só um pulso forte, já bem provado, como o de Homem Christo o póde salvar. Não se me dava de apostar que esta solução era a unica para salvar a patria (1).

Os bandidos ficavam logo aterrados.

*

* *

Parece certo que entre os pares que vão ser nomeados figuram os que foram conniventes na morte de D. Carlos e seu filho e entraram na revolução do 28 de janeiro e tanto que estiveram presos no quartel do Carmo!

Tambem é certo Arroyo ir para Paris representar o nosso paiz! Tudo isto parece um sonho!!

A. P.

(1) *Não vae nada*, meu amigo. Para rei, sirvo. Façam-me rei, se quizerem. Para presidente do conselho... não presto. Nem ninguem... com el-rei D. Manuel. A não ser o d'Alijó! Ou então o Affonso Costa!

SPORTS ATHLETICOS

Varas para saltos, cordas para lucta de tracção. Discos, etc.

Casa Senna. — Salão de Jogos

48, Rua Nova do Almada, 52 — LISBOA

PROVINCIAS

Villa Nova d'Ourem, 31-8-910

No *Seculo* do dia 24 de agosto corrente deparámos, n'uma correspondencia d'esta villa, com uma enxurrada de petas, e não podémos deixar de procurar o correspondente d'aquelle jornal n'esta villa para o felicitarmos pela vista apurada que teve nos comicios feitos em Alburitel, Peras Ruivas e Urqueira.

O homem não acceita os nossos parabens e declina essa responsabilidade n'um latoeiro d'esta villa conhecido pelo *Girafa*, 2.º correspondente d'aquelle jornal, visto que elle não se amolda a dar para o *Seculo* quantas patranhas *"o jornal de maior circulação lá quer melter.„*

Portanto não nos admirámos da forma e do brilho como o illustre caudilho da democracia descreve o enthusiasmo com que foram recebidos os illustres oradores, *entre os quaes se conta o tal Latoeiro*, e as novas adhesões ao partido republicano.

E' preciso haver muito descaramento e muito pouca vergonha para vir a publico com tamanha enxurrada de trapalhices, fazendo ver que o concelho de Ourem está todo republicanisado!

Ninguem ignora a forma como foram recebidos *tão sympathicos e illustres oradores.*

Diz o correspondente 2.º do *Seculo* que um grupo de mulheres tentou perturbar a reunião, o que não conseguiram! Não foram só as mulheres, seu lorpa! Foram muitos homens que com latas e buzinas, fazendo um barulho infernal, conseguiram pôr fóra d'aquelle humilde logar de Alburitel tão importunos hospedes, sendo de notar que um dos conferentes era natural d'este logar.

Em Peras Ruivas não foram mais felizes, porque o povo d'este logar não esteve para se incommodar e deu-os ao desprezo, sendo apenas escutados por meia duzia de garotos. Com respeito a Urqueira, fala por nós a urna do Olival onde votam os eleitores d'este logar e onde o mestre funileiro viu a tal adhesão de 40 pessoas, e com os outros republicanos que já alli havia, appareceram 4 votos!!! republicanos n'esta assembleia!

Na assembleia de Ourem Velha, domicilio de Alvaro Mendes, caixeiro viajante da capital, e onde ha mais de uma duzia de galopins, a urna dá-lhe 10 votos, e para isto vem o sr. Alvaro assistir á eleição! notando que foi n'esta assembleia que vieram votar os eleitores de Peras Ruivas.

Na assembleia de Freixionda, onde votam tres freguezias, apparece um voto!! republicano.

Na assembleia de Villa Nova d'Ourem, onde foram mais felizes, contaram-se 45 votos, devido ás troquilhas e a muitos ingratos que cheios de beneficios dos chefes politicos monarchicos, não tiveram duvida, a troco de um maceiro de carne de porco e meia duzia de bebedeiras, pagarem assim com tanta *gratidão.*

Ao todo 60 votos! E para isso houve no concelho uma conferencia por Alexandre Braga, outra por José Montes, outra por Luiz Alexandre Rodrigues, outra por Gaudencio Pires de Campos, conferencias por Manuel Antonio das Neves, Alvaro Mendes, Mathias de Araujo e até uma palestra por um tal Pedrosa, picador de limas. E não obstante isso, cobriram o concelho com tres ordens de nojentos pasquins insultando todas as pessoas que lhe não eram affectas e aconselhando o povo a votar pela republica!

Abençoado trabalho! Ia sendo um voto para cada orador.

Cá o nosso mestre escola tambem deitou figura. Quiz oppor-se a que um eleitor désse a sua opinião ao presidente da assembleia sobre o serviço eleitoral, e fez o seu protesto, parecendo, n'esta altura, que até o templo tremeu. Estava escamado que nem uma barata. No fim de muito barafustar tornou ás boas, pois que, á parte de ser muito independente e republicano, é bom rapaz.

Parece fóra de duvida que se reconciliaram na assembleia d'esta villa o mestre latas e o reverendo Abel. Os nossos parabens!

Houve mais algumas reconciliações, como, por exemplo, a do mestre d'obras com o sobrinho, que não queria votar por não querer pertencer ao partido onde estivesse o sobrinho. Queria fazer ver que tinha mais vergonha do que elle; mas afinal é egual: *ambos com muita.*

— Por aqui tambem se falla bastante na evasão dos cinco reclusos do hospital de Rilhafolles, e tornam o governo responsavel por essa evasão, por não fazer estar internado n'aquelle edificio um maluco que ha tempos lhe deu para andar a prégar por esses comicios.

Um constante leitor.

—†—

Mangualde, 3-9-910

Dizia ha dias o reputado clinico Costa Gaito — o tal que em Taboa atou uma lata aos tres republicos que quizeram incommodar com um comicio a pacata villa — d'oravante vou limitar e concentrar a minha leitura da imprensa periodica no *Povo de Aveiro.* Effectivamente este jornal é o ultimo reducto onde se expandem os corações sedentos de justiça e como V. sr. Homem Christo muito bem diz — os campos vão-se extremando — independentemente de balizas politicas ou crenças religiosas, etc.

D'um lado as pessoas de bem, do outro os bandidos. D'um lado os que trabalham, soffrem, pagam contribuições onerosissimas e são calcados aos pés nas suas aspirações legitimas por a horda politicante *permanentemente* no governo desde a queda de João Franco.

D'um lado homens que querem a ordem para trabalhar com afinco e socego pelo futuro dos filhos e progresso do seu Paiz; do outro os *souteneurs*, os que recebem subsidio e automoveis dos governos para fazer eleições, esmagando sob o tacão todas as considerações de seriedade com tanto que se seja *alcatruz de cima!*

N'esta encantadora terra é curiosa a *entourage* que cerca o Conde de Mangualde a quem uma syndicancia casual e feita muito por alto revelou grande somma de contos de reis desviados do thesouro publico por incuria ou cumplicidade sua, na repartição de que continua chefe. Começando pelo sobrinho, a quem a *Provincia* chamava ha dias o pequeno "Arco Iris„ porque tem estado como administrador com o governo de Campos Henriques, Beirão e Teixeira de Sousa, e terminando no Padre Bernardo do Amaral, demittido de secretario da camara, pela falsificação d'uma acta que ainda lá existe, pelo governo de João Franco e reintegrado cremos logo após o regicidio, é uma galeria soberba que iremos analisando com vagar.

C.

—†—

Moita

Parabens aos vermelhaços cá da terra! Já ganharam duas eleições: a da camara, ha dois annos, e agora a de deputados.

Gracias! que vamos ter agora uma estrada para a Barracheia, outra para Santo Antonio e ainda outra para o Pinhal Novo, tudo empedrado; e egualmente, as ruas da Moita calçadas, agua nova no chafariz, uma fonte no Caes, um lago no Largo do Collegio, com peixinhos encarnados, cadeiras debaixo do grande arvoredo, que a grande vereação republicana plantou, no dito largo, cem bancos desde a calçada até ao caminho de ferro, e sob a linda floresta que os srs. vereadores alli mandaram plantar, substituindo o juncal que já existia. Tudo isto foi planeado pela grande vereação republicana.

Com a extincção do juncal ficaram as lavadeiras sem esse logradouro para estender a roupa, e os pobres velhos que se governavam do dito juncal a pedir esmola; e quem apascentava alli os seus gados, que os venda ou que vá com elles para as fazendas dos proprietarios, estragar as searas que tanto dinheiro custam; mas ganhou a republica, o progresso.

Vá, primeiro que tudo, o resto do juncal, destruido. Mesmo para ver se esta camara começa qualquer coisa e acaba. Ha dois annos que está no poder, e as poucas cousas que tem começado estão ainda por concluir. Foi por Deus acabarem a obra na repartição de fazenda, e isso foi para fazer geito ao escrivão de fazenda, para o Faztudo metter o nariz a toda a hora n'essa repartição e ver quanto os contribuintes pagam de decima e as escripturas que vão manifestar. Se não fosse isto, ainda aquella obra não estava acabada.

Dizem elles que o povo está muito satisfeito com a sua administração, mas não está, e a prova é esta: ha 1064 eleitores no concelho da Moita, e os salvadores da patria levaram á urna 423 votos, podendo-se contar com certesa 100 que elles apanharam aos pobres camponios trocando-lhes as listas. Porque elles teem gente para tudo e bem sabem que se não fossem as listas que trocaram, nunca ganhavam uma só vez.

Ora ficaram a favor dos monarchicos 641 votos, de pessoas que não querem sahir de casa em dia d'eleições, porque ameaçam de lhes metter o nariz no chapeu, para elles não verem o caminho, aos eleitores que não votarem na lista republicana. N'uma eleição legal, queria ver quem ganhava se os vermelhaços, se os thalassas.

T.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 50; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Raphael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104; Rozendo R. Gonçalves (Tabacaria Gonçalves), Rua de Santo Ámaro 1 a 5; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza dos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47; Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27; Tabacaria Machado, Palacio Foz, Praça dos Restauradores, 31 K; Domingos Silva, kiosque do Largo do Intendente; Antonio Maria da Silva, largo de S. Domingos, junto ao Quartel General.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa, 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho — Kiosque Reis; **Vizeu** — Kiosque do Rocio; **Chaves** — Annibal de Barros. **Villa Real** — Kiosque Trindade, **Alvorninha** — Paulino da Silva Mendes. **Estoril** — Alfredo Pinto, Buffete da Estação. **Villa Franca de Xira** — Tabacaria Marciano Mendonça. **Seixal** — Profirio Ferreira. **Villa Velha de Rodam** — Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde** — Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem** — Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul** — José Augusto d'Almeida. **Fáro** — Francisco Matheus Fernandes. **Evora** — Marcelino Anthero Caiça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes** — José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Cortegana**, Alemquer — João dos Santos Pereira. **Paderne**, (Algarve) — Antonio Anacleto d'Oliveira.

Torres Novas — João Rodrigues Sentieiro. **Amarelleja** — **Moura** — Manuel Frade. **Castello Branco** — Vende-se pelas ruas. **Monte-mór-o-Novo** — Fortunato Reinata. **Tondella** — Mario do Carmo. **Pedrogam Grande** — Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova** — Christiano Pereira Barata. **Ançã** — José da Costa Neves. **Braga** — Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa** — Francisco da Costa Carvalho. **Monsão** — João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel** — Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.

Por nos ter faltado absolutamente o espaço, fomos obrigados a retirar, á ultima hora, parte d'este annuncio das nossas casas de venda.

FILTROS Chamberland SYSTEMA Pasteur

Os unicos capazes de se opporem efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas

Approvados pela Academia de Medicina de Paris
Academia das Sciencias
Premio Montyon
Exposição Universal de Paris, 1900
DOIS GRANDES PREMIOS

J. L. de Meyrelles
DEPOSITARIO PARA PORTUGAL E COLONIAS
R. Nova do Almada, 79, LISBOA
REMETTEM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

Agencias de annuncios DO POVO DE AVEIRO

Em Lisboa
Largo de S. Domingos 20
JUNTO Á CALÇADA DO GARCIA

No Porto
Praça de D. Pedro, 9 e 10
TABACARIA TEIXEIRA

Bebam as Aguas Medicinaes DO CASTELLO DE MOURA

"Cosmopolia,,

Revista mensal illustrada de litteratura internacional.
Redactor em chefe:

HOMEM CHRISTO, FILHO

Escriptorios da Redacção e Administração, da secção editora em todas as linguas, da organisação de traducções, salões de exposição e conferencias, gabinete de leitura contendo alguns milhares de volumes das litteraturas italiana, hespanhola, brazileira, portugueza, ingleza, turca, persa, allemã, hollandeza, japoneza, russa e revistas e jornaes de todo o mundo.

Faubourg Poissonière, 111 — Paris

Com o concurso e collaboração effectiva dos mais eminentes escriptores e artistas da Europa e America, começará a publicar-se proximamente, a revista **Cosmopolia,** que tem por fim tornar conhecidas e apreciadas em França as litteraturas extrangeiras, para o que consagrará cada numero a um determinado paiz do mundo, contribuindo tambem para o desenvolvimento da moderna litteratura franceza, facultando as suas columnas a todos aquelles que, ainda novos e ignorados do grande publico, se imponham, no emtanto, por um verdadeiro e solido talento litterario.

O 1.º numero de **Cosmopolia** será, pois, publicado muito brevemente, logo que o sr. Homem Christo, Filho, que está no Brazil, d'onde seguirá para a Argentina, Chili, Uruguay e Paraguay, a fazer a propaganda da nova revista, regresse a Paris. Dadas as proporções colossaes que teem attingido os pedidos do 1.º numero, enviados de toda a parte, a Administração de **Cosmopolia** vê-se forçada, para regular a tiragem, a inscrever desde já os nomes d'aquelles que desejarem obtel-a.

Locaes de inscripção:

Em Paris: Faubourg Poissonière, 111.
Em Portugal: *Lisboa*—Tabacaria Monaco, Praça de D. Pedro.
Porto—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro.
Coimbra—Livraria F. França & Armenio Azevedo.
Aveiro—Redacção do *Povo de Aveiro.*

ASSIGNATURAS

França: Anno—Serie de 12 numeros, 24 francos. Semestre, serie de 6 numeros, 12,50 francos.
Extrangeiro: Anno — Serie de 12 numeros, 25 francos. Semestre, serie de 6 numeros, 13 francos.

Artigos graphicos

Os melhores, os mais baratos, os mais resistentes, são os da casa PEDRO, MIRANDA & C.ª SUC.res. Representante da Casa **J. G. Schelter e Gulescke** incontestavelmente a melhor fundição do mundo!

Material branco, **estrangeiro,** sempre em deposito, ao preço do nacional.

Pede-se a todos os srs. industriaes que não fechem as suas transacções sem consultarem os nossos preços.

Pedidos a

PEDRO, MIRANDA & C.ª Suc.res
Rua da Picaria, 59—PORTO
Telegrammas «ADNARIM» **Porto.**

Grandes Armazens DO Printemps de Paris

Ha actualmente em deposito, n'este escriptorio, um grande sortimento de cortinados **brise-bise** em condições muito vantajosas. Assim como tambem ha um grande e variado lote de artigos da estação de verão que será veudido por preço muito reduzido.

Escriptorio de reexpedição:
19, Largo de Camões, 19 — Rocio
LISBOA

Grande deposito

De moveis de ferro e colchoaria

Artigos de folha e zinco.

José A. de C. Godinho
54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA
TELEPHONE — 2652

Empreza Cinematographica IDEAL

Manufactura Portugueza de Pellicula

Salão e Escriptorio
Rua do Loreto, 15 e 17
LISBOA

Atelier de pose e officinas
Cerca do Colleginho, 7
LISBOA

Endereço telegraphico: IDEALÃO

SUCCURSAES: No Porto, Paris, Berlim, Londres, Vienna d'Austria, Madrid, e em todos os Estados do Brazil.

Fornecimentos completos para animatographos, aluguer e venda de fitas completamente novas em Portugal. Projecções com luz electrica ou luz artificial em theatros, qualquer casa, ou de espectaculos, clubs, escolas e casas particulares, para o que tem pessoal habilitado.

Contractos especiaes para a Africa e Brazil

A Empreza Cinematographica Ideal é a unica que, devido ás suas bellas installações de POSE, pode apresentar assumptos genuinamente portuguezes, desempenhados pelos nossos principaes artistas e quadros panoramicos representando os melhores pontos e os mais bellos costumes de Portugal.

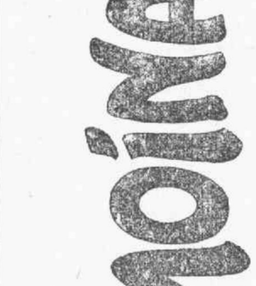
Mediante contracto especial a Empreza tambem se encarrega da tiragem de qualquer fita de reclamo a estabelecimentos, fabricas, officinas, etc.

TROMÓINA

A FARINHA ALIMENTAR DE MAIOR VALOR

Prof. Sousa Reis — PORTO

Tinta de copiar a secco



Sem molhar o papel e conservando os copiadores como novos. Economia de tempo e trabalho. Excellente resultado na pratica. Ultima novidade. Descontos aos revendedores.

Deposito geral:

Rua de S. Paulo, 9, 1.º — LISBOA
TELEPHONE: 2378
Rua de Santa Catharina, 32, 1.º — PORTO

SE QUEREIS EVITAR a mordedura dos *MOSQUITOS* que a maior parte das vezes são os transmissores das febres empregae

As Pastilhas

Anti-Mosquitos-Query's

Premiadas em todas as exposições, assim como o papel mata-moscas:

CEMITERIO DAS MOSCAS

Exigir bem estas marcas.
Encontra-se em todas as drogarias.
Depositario: A. VINCENT
Largo de Camões, 19, 1.º, Rocio — LISBOA

Porque ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ ✻ soffreis?

Quem não se sentir bem pode ser curado pelo nosso **Vigorisador Electrico.** Podemos tornar fortes os fracos, e expulsar as dôres rheumaticas e outras, assim como todos os symptomas de debilidade apresentados por um organismo doente.

Temos sempre dito que os soffrimentos e a Electricidade não podem existir juntos, e provamol-o cada dia, pelas curas que effectuamos.

O effeito da electricidade sobre o homem enfraquecido e exgottado é o mesmo que o effeito da chuva sobre a terra secca e exhausta.

O homem pode estar enfraquecido pela varicocelle, pelas perdas seminaes, e pelos excessos de trabalho e cuidados. Pode faltar-lhe a energia, ter as idéas confusas, a incerteza nos seus actos e nas suas decisões, ter presentimentos sombrios, ser timido e irritavel, evitar os amigos e a convivencia, não ter confiança em si mesmo quando se trata da mais pequena difficuldade.

A Electricidade, convenientemente applicada sómente durante algumas horas cada dia, fará desapparecer todos estes symptomas.

De um doente e de um homem gasto e abatido, fazemos um individuo são, energico, desempenhando os seus deveres para com a familia, a sociedade e para comsigo proprio.

A duração de este tratamento varía de uma semana a dois mezes, e todos os symptomas descriptos desapparecerão para sempre, graças ao **Vigorisador Electrico** que transforma os fracos em fortes.

A quem nos disser quaes são os seus padecimentos, responderemos nós com sinceridade se podemos ou não cural-o. Se isso não nos é possivel, não queremos o vosso dinheiro. Ha trinta annos que vendemos apparelhos, e a superioridade do nosso tratamento é reconhecida por todos, supplantando o nosso systema todas as fórmas de applicação da electricidade.

Não será preferivel usar o nosso apparelho durante a noite, sentindo o seu doce calor penetrar o vosso organismo, e recuperar dia a dia a saude perdida, a encher o estomago de drogas, a maior parte das vezes sem efficacia?

N'este caso experimentem o tratamento pelo **Vigorisador Electrico.**

Sempre provas do que affirmamos

Quem tenha usado drogas e outros tratamentos sem resultado leia esta carta e procure-nos ou escreva-nos

A todos a saude e a força

Dyspepsia, nervosismo com dôres de cabeça e tonturas, debilidade nervosa e dôres rheumaticas completamente curadas:

Sr. Dr. McLaughlin.

Tenho o maior prazer em communicar a V. que estou cada vez mais satisfeito com os beneficos resultados obtidos com o **Vigorisador Electrico.**

Desde o dia 17 de Julho findo até hoje, tenho feito uso d'elle 42 dias, podendo affirmar a V. com grande satisfação que estou completamente curado da minha dyspepsia, fazendo hoje muito bem a digestão; as tonturas e dores de cabeça desappareceram, bem como a dôr que tinha na perna direita.

Na debilidade nervosa de que ha tres annos soffria, as melhoras teem-se accentuado de dia para dia.

Acceite V. os meus agradecimentos e receba as minhas felicitações pela sua maravilhosa invenção.

Rua de Buarcos, 99. Figueira da Foz, 6-9-910. De V., etc., (a) *José Ferreira Gonçalves,* major reformado.

Em face de provas tão evidentes ninguem póde duvidar

Consultas e livros gratuitos.

Vinde visitar o nosso consultorio, onde os nossos medicos vos consultarão gratuitamente. A todas as pessoas que não possam vir consultar-nos, ou que vivem fóra de Lisboa, enviaremos o nosso livro magnificamente illustrado, se nos remetterem o seguinte coupon:

Dr. M. E. McLaughlin

Rua Augusta, 188, 2.º—LISBOA

Horas: 9 m. ás 7 n.

E **Coupon**
Vale um livro e consulta gratis
Nome .....
Rua .....
Terra .....
Cortem e mandem este coupon

AGUA DA CURÍA

Semelhante á de Contrexéville

Estimula a acção dos rins que são os filtros do corpo humano.

Experimentae a AGUA DA CURÍA

Representante e depositario em Lisboa:
Humberto Bottino
Praça dos Restauradores, 31-H
TELEPHONE: 3035

Aguas CASTELLO DE MOURA

Explendidas e incomparaveis aguas de meza, com optimos resultados nas doenças da bexiga, rins, estomago, etc.

Deposito no norte do paiz:
26, Rua Mousinho da Silveira, 28
PORTO

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

HOTEL UNIVERSAL

Proprietarios:
RAMIRES & C.ª
—Praça da Batalha—PORTO—

Hotel de primeira ordem installado no melhor sitio da cidade, com explendida sala de jantar, installações electricas, caixa de correio e explendidas casas de banho.

Preços diarios, a começar em 1$200 réis

Tisana depurativo Assis

Segundo o processo de Faro

Cura radical da syphilis em todas as suas manifestações.

Garante-se a sua efficacia.

Deposito geral
ASSIS & COMMANDITA
Rua dos Douradores, 32, 1.º — LISBOA

No Porto:
SANTOS & SANTOS — Rua das Flôres, 36

FRASCO	6 FRASCOS
1$000 réis	5$400 réis

Alexandre Fontes

A Escripta Nacional, (2.ª edição, refundida)	1$200
Vocabulario Orthographico, (completo)	600

Pedidos á
LIVRARIA FERREIRA, LIMITADA
LISBOA — R. do Ouro, 132 a 138 — LISBOA

O preço avulso do POVO DE AVEIRO é de 20 reis em todo o paiz.